

A RENDIÇÃO DE ALINE

Aquela não era uma manhã propícia para viagem rumo ao sul. Os noticiários falavam de uma frente fria que subia trazendo chuva, e de chuvas perseverantes já observadas no oeste, de onde descem rios caudalosos que cruzam o caminho. O certo seria adiar a viagem, mas Adriano não queria fazer isso. A saúde do seu pai o preocupava, e embora nas conversas por telefone ele continuasse a dizer que o infarto tinha sido coisa pequena, Adriano achava essencial ir conferir. Depois de perder a mulher Iolanda, mãe de Adriano, três anos atrás, seu Clodoaldo tinha também perdido o interesse em viver. O pai precisava de apoio e estava solitário, pois com a aposentadoria compulsória havia, além do mais, ficado privado do convívio de colegas com quem trabalhara longamente. Quando o pai se aposentou, Adriano insistiu para que ele viesse para Alvorada. Sabia que o pai não aceitaria viver na sua casa, mas poderia instalar-se em uma casa com jardim e pequeno quintal; se não interessasse mais em cultivar suas plantinhas, em um apartamento. Mas o pai não aceitava mudar-se de Garças e insistia que Adriano voltasse para lá.

O sol não tinha nascido quando Adriano abriu a janela para conferir o céu, que estava limpo, como nos dias anteriores. Tomou rapidamente o café, e em uns quinze minutos estava tomando a estrada. Jamais poderia imaginar que aquela viagem iria transformar sua vida. À sua esquerda, a luz do sol ainda encoberto clareava o horizonte, que era quase plano. Nem ao sul à sua frente nem ao oeste havia qualquer nuvem densa. No rádio, não se falou em chuva. Perfeito, ao anoitecer ou pouco depois Adriano estaria batendo à porta do seu pai. A estrada estava quase vazia, ele só pegaria trânsito mais intenso depois do meio-dia. Sintonizou o rádio em uma estação dedicada a músicas do seu gosto, cujo ritmo ele acompanhava tamborilando o volante com os dedos. Sentia-se feliz com a iminência de rever o pai e a cidade onde tinha crescido. Lembranças vieram-lhe à memória, com as quais distraiu a mente. Um grande desgosto que pôs fim à sua vida feliz na cidade insistia em impor-se às boas lembranças, mas Adriano conseguia espantá-lo da mente.

Conhecia bem a estrada, por isso sabia que já havia iniciado o declive para o vale. Olhou o relógio, já passava das nove e meia, o tempo estava voando. Do sul, vinham mais carros do que o normal, e os motoristas de três deles deram-lhe sinal de algum problema na pista; olhou o velocímetro e reduziu a velocidade, que estava acima da permitida. Foi quando percebeu que o rio havia transbordado, e ao aproximar-se mais viu que ele havia ultrapassado a altura da ponte. Nos seis anos que vivia naquela região, isso nunca tinha acontecido. Era uma enchente muito maior que normal, na verdade além de qualquer registro, pois as pontes são construídas acima das cotas recordes atingidas pela água. *Mais um exemplo de extremo climático,* refletiu Adriano, *bem que na tevê se noticiava que no oeste as chuvas acumuladas*

nos últimos dez dias eram muito superiores às observadas no passado. Havia mais de uma dezena de carros parados no acostamento do aterro que levava à ponte, e adiante dos carros o aterro estava coberto de água. Alguns carros manobravam para retornar.

Havia também um helicóptero, e em torno dele um aglomerado de pessoas. Adriano desceu do carro e aproximou-se do grupo. O oficial do corpo de bombeiros já havia feito um sumário dos fatos e respondia perguntas. Com base nas perguntas e respostas do capitão, Adriano teve uma compreensão do cenário. Outra ponte a montante daquele ponto também tinha sido encoberta pela água, e previa-se que naquele mesmo dia a ponte a jusante também seria coberta. Essa informação, que tinha sido dada antes, deveria ser a explicação pela qual alguns carros tinham abandonado minutos antes o local, e mais um motorista entrasse no seu carro. “Em umas três horas é possível chegar àquela ponte”, o motorista explicou, “deve dar tempo de chegar lá antes de a água ultrapassar a ponte”. Adriano deu razão ao motorista e pensou em voltar para seu carro, mas ao ouvir falar sobre uma balsa quis saber um pouco mais. Perguntou ao capitão e ele confirmou:

– Sim uma balsa está descendo o rio, e a correnteza ajuda. Antes do final do dia estará aqui. Já vem com os cabos de aço e os mourões para sua fixação. A previsão é de que amanhã de manhã será possível transportar veículos pequenos na balsa.

Ficou na dúvida sobre o que fazer, mas a indecisão não durou muito. Pois dar a volta pelo leste acrescentaria à viagem mais de seis horas em trânsito, e mesmo assim não era seguro que chegasse a tempo na ponte a jusante. Mas mesmo se tudo desse certo, a viagem iria durar tempo demais, e Adriano não conseguiria fazê-la sem parar para descanso. Havia outra razão para ficar. Uns três quilômetros antes da ponte havia um posto de gasolina que anunciava dispor de dormitórios. Adriano decidiu: dormiria lá e no dia seguinte atravessaria o rio na balsa. Enquanto ponderava essas coisas, observando as pessoas à sua volta, Adriano notou uma mulher cujo rosto imediatamente lhe chamou a atenção. Uma mulher jovem, que não passaria dos trinta anos. Alguém pode explicar porque se sente tamanha atração por uma pessoa, ao primeiro olhar? Pois foi isso o que Adriano sentiu. E ele nem mesmo a viu de frente, foi uma visão oblíqua. Era ela especialmente bela? Não, era uma mulher bonita, mas sem superlativos, como tantas outras que ele conhecia, nada mais. Adriano pôs-se a observá-la, e depois de algum tempo seria capaz de jurar que a mulher também o observava de viés, imaginando talvez que por estar de óculos escuros isso não seria notado. Adriano aproximou-se e perguntou:

– Já tomou sua decisão? Dá a volta ou espera a balsa? Naquele posto de gasolina pelo qual passamos há alojamentos.

A mulher assustou-se um pouco, como se pegada em flagrante. Mas recompôs-se.

– Melhor ainda, eu já estava disposta até a dormir no carro. Dar a volta eu não dou. Estou indo para uma cidadezinha que fica trinta quilômetros depois dessa ponte.

– Que contraste. Estou indo para Garças, que fica a mais de quilômetros daqui. E se eu der a volta acrescento mais tantos quilômetros que não consigo chegar hoje. Já que terei de dormir no caminho, durmo aqui mesmo.

– Será que os dormitórios já não foram ocupados? Muita gente voltou.

– Mas não vi ninguém falando em esperar a balsa. Uns desistiram da viagem, outros saíram na correria para chegar à outra ponte antes da enchente. Vamos logo. Se houver só um quarto desocupado ele é seu. Durmo no carro.

A mulher não precisou pensar muito. E Adriano estava certo, na hospedaria a maioria dos quartos estava desocupada. A recepcionista sorridente os cumprimentou e perguntou:

– Um quarto para os dois?

– Quartos separados, por favor – explicou Adriano. – A gente se conheceu há menos de uma hora, na margem da enchente.

Receberam as fichas de hóspedes para preenchimento e Adriano ficou atento para saber o nome da mulher. Quando ela escreveu Aline Souza Aguiar, ele se apresentou, estendendo a mão:

– Estou encantado por te conhecer, Aline. Meu nome é Adriano. Desculpe, fui grosseiro em não me apresentar antes.

A atendente conferiu os documentos dos dois e lhes entregou as chaves. Apontou o corredor que saía do pequeno saguão e explicou que ele dava para todos os quartos. Explicou que se quisessem comer alguma coisa havia uma lanchonete a vinte passos dali, na direção do posto.

Adriano mal permaneceu dez minutos no quarto. Conferiu a cama e o banheiro. Coisa simples, mas muito limpa. Pegou uma água mineral no frigobar e bebeu o conteúdo em dois ou três goles. Abriu a mala, retirou dela seu notebook e saiu. Como no quarto não havia uma escrivaninha ele iria trabalhar no saguão, onde vira uma mesa redonda que lhe pareceu apropriada. Lamentou não ter combinado com Aline um horário para irem comer alguma coisa na lanchonete. Deixou o notebook sobre a mesa do saguão e foi à lanchonete ver o que havia para se comer. Além de sanduiches, coisa de que ele não gostava, se esperasse quinze minutos eles preparavam uma salada e um bife ou omelete. Tinham também arroz pré-cozido que rapidamente podia ser terminado, e em quinze minutos também fariam macarrão. Voltou ao saguão, sentou-se em uma cadeira que dava costas para a parede e iniciou seu notebook. *Não desperdiçarei a chance de almoçar com Aline*, pensou antes de iniciar o trabalho. *Vou ficar atento*.

Abriu o arquivo da casa que estava projetando. Uma casa grande, e com os dados fornecidos pelo cliente ele tinha conseguido projetar uma casa que lhe parecia funcional e bonita. Mas precisava conferir muita coisa, como a iluminação natural, a ventilação, o conforto térmico. E isso foi feito. Tinha criado imagens 3D da casa e estava fazendo renderização, quando Aline apareceu.

– Oh, já trabalhando aqui?

– Sim, assim você não teria jeito de sair para almoçar sem que eu percebesse.

Aline aproximou-se da mesa, e Adriano virou o notebook para que ela visse a casa.

– Que desenho bonito!

– Mas o artista não sou eu, é o programa que uso. Sou arquiteto, estou projetando essa casa para um médico endinheirado. Chega mais perto pra ver.

Aline aproximou-se mais e Adriano fez a casa girar, exibindo-se de vários ângulos, depois tirou o telhado e mostrou seu interior, também sob vários ângulos.

– Espertinho esse seu programa.

– Sim, agora os programas para projeto arquitetônico ficaram assim. A nossa mente fica livre para criar.

Adriano salvou os arquivos, fechou o notebook e pediu que a recepcionista o guardasse para ele. Estava muito alegre por almoçar com Aline e ter um tempo para conversar, mas uma coisa o havia desapontado. Aline não se enfeitara nem um pouco, era a mesma que entrara na hospedaria, e esse descaso com a aparência era sinal de que ele não lhe despertara nenhum interesse. Mas Adriano era muito aberto, e como sua sinceridade costumava gerar efeito positivo sobre as mulheres, ele confessou:

- Eu estava ansioso para que você aparecesse logo para comer alguma coisa.
- Está com muita fome?
- Não sentia fome, senão vontade de rever você.

Adriano esperava ter algum tipo de resposta, mas não teve nenhuma. Aline sabia proteger-se pelo silêncio. E ele nem teve tempo de falar mais coisa alguma, pois estavam chegando. Adriano informou que eles faziam algumas coisas rapidamente, e sugeriu que se sentassem e pedissem explicações. Havia uma mesa vazia, num dos limites da sala.

- Que tal aquela mesa? – Ele perguntou apontando para ela.
- Me parece ótima.

Quando se sentaram à mesa, uma garçonete já estava chegando, Perguntaram sobre opções. Fizeram o pedido, a moça disse que estaria pronto em quinze minutos.

- O que vão beber?
- O que acha de uma cerveja?
- Eu raramente bebo, desculpe-me por não acompanhá-lo.
- Pois vou acompanhá-la.

Tinham suco de laranja feito na hora. Esta foi a escolha de Aline, e Adriano fez o mesmo. Adriano achou bom que Aline não tivesse com seus óculos de sol, pois assim podia ver bem os seus olhos. E gostou deles, eram os olhos que ele tinha adivinhado.

- Você já sabe que sou arquiteto. E você, o que faz?
- Sou fisioterapeuta.
- Onde mora?
- Em Alvorada.

– Pai do céu, O Senhor realmente existe! Eu também moro lá. Estranho que não a tenha conhecido.

– Não moro lá há tanto tempo, são apenas três anos, e circulo pouco. Sou muito caseira.

– Nem eu circulo tanto. Cheguei a Alvorada seis anos atrás. Gostei da cidade e também achei que nela poderia conseguir boa clientela. As pessoas de lá gostam de morar em casas, e muitas delas têm dinheiro para construir casas bonitas. E eu gosto de projetá-las.

– Há também muita demanda para o trabalho que eu faço. Gosto da cidade também no aspecto profissional.

- Você tem uma clínica?

– Não, não mas sonho em ter uma. Trabalho duro para juntar um pouco de dinheiro, alguns equipamentos são caros.

- Você mai conseguir.

Adriano juntou coragem para perguntar. Não porque fosse tímido, não se considerava nem mesmo discreto, mas temia a resposta.

- Tem um marido ou namorado?
- Não tenho, não quero ter.

– Quando abrir vaga em seu coração para um afeto, vou concorrer.

Aline abriu um pequeno sorriso, olhou um momento para o lado e depois se voltou para Adriano, sem lhe encarar os olhos, e respondeu:

– Fico lisonjeada, mas você ficará desapontado, pois essa vaga tardará em aparecer, nem sei se aparecerá. Lamento.

Ficou claro para Adriano que Aline tivera um forte desencanto. A palavra lamento foi dita com um tom de amargura. Ele precisava dizer alguma coisa, o que não lhe pareceu fácil. Vacilou antes de dizer:

– Eu também lamento. Não por mim, sim por você, pois sinto que alguém te machucou muito.

– Realmente doeu. E foi mais que um desencanto, foi uma decepção com o amor.

– Não terei a indiscrição de perguntar sobre seu desapontamento. E nem a presunção de que você me fale de seus segredos, afinal sou um estranho que você encontrou por acaso há poucas horas. Mas, se isso não ficou claro pra você, confesso que você me atraiu de maneira intensa e instantânea.

Adriano falou essas palavras buscando os olhos de Aline, que desviou o olhar, embora mantivesse um ar tranquilo. Não deu resposta a Adriano, na verdade mudou de assunto.

– Está viajando a passeio?

– Vou visitar meu pai que vive em Garças, fica a mais de quinhentos quilômetros daqui, seguindo sempre rumo ao sul. Pelo que entendi, você vai para Alta Vista.

– Sim. E é coisa rápida, a trabalho. A clínica quer que eu examine uma mulher, uma possível cliente, que teve um AVC e está com um lado do corpo paralisado. Quer que eu avalie as chances de recuperação. Se forem boas, a mulher irá para Alvorada fazer o tratamento. Alta Vista tem poucos recursos, é uma cidadezinha.

– Ao te escolher para a avaliação, a clínica reconhece que você entende muito do riscado.

– Não mais que meus colegas. Mas tenho alguma experiência na recuperação de sequelas de AVC. Se o acidente é recente, o prognóstico é em geral otimista, pelo menos de reabilitação parcial. O tratamento pode levar meses, a mulher sabe disso, e seu seguro-saúde cobre os custos.

– Desejo sucesso à pobre mulher, e não menos a você, pois recuperar uma pessoa tão lesada deve trazer muita satisfação.

– Uma satisfação enorme, se o tratamento for realmente for contratado vou empenhar-me nele intensamente.

– Quero acompanhar esse caso.

– Acho que não terá oportunidade de acompanhar, você não é parente da mulher nem está envolvido no tratamento. A clínica não revela os dados para terceiros sem relações com o cliente.

Essa resposta, tão estritamente profissional, machucou um pouco Adriano. Pois revelava que na cabeça de Aline a relação entre os dois se encerraria naquele dia. Mas ele não estava disposto a aceitar esse fim, foi por isso que respondeu:

– Dê-me uma chance, Aline, não me descarte desse modo. Não feche seu coração para mim.

– Nada tenho nada contra você. Poderia ser talvez um amigo, mas você não se contentaria com isso.

Adriano não sabia o que responder, pois amizade estava muito aquém das suas aspirações. E dar-se por vencido, longe das suas intenções. Mudou o assunto:

– Espero que amanhã cedo a balsa esteja realmente funcionando, minha viagem é longa.

– Bom que você tenha um pai para visitar. Perdi meus dois pais quando era ainda criança. Foi num acidente de carro, morreram ainda jovens.

– Oh, sinto muito, Aline. O destino tem sido duro com você... . Realmente sinto muito.

– Sinto saudade dos meus pais, e também guardo lindas lembranças, embora tivesse apenas sete anos quando eles morreram. Os melhores pais do mundo, hoje estão felizes do céu. Quando à noite sonho com eles acordo alegre, eles me consolam nos sonhos.

– Eu também guardo boas lembranças da minha mãe, e tive a felicidade de viver com ela muito tempo. Ela morreu de morte natural, isso faz só três anos. Meu pai não se conforma com a perda. Mas eu bem que gostaria de ter a sorte dele, pois foi feliz com minha mãe por quarenta anos. Tem agora setenta e seis anos e estava muito saudável quando minha mãe adoeceu, mas já ao pressentir a morte dela perdeu a vontade de viver. Sua ligação com ela era muito grande.

– Você tem irmãos?

– Tenho um irmão mais velho do que eu, mas ele vive no exterior. Foi para Portugal, hoje vive na Espanha.

– Não tive irmãos, sou filha única. Nem sei se isso foi opção dos meus pais.

– É uma pena. Ter um irmão, mesmo do outro lado do oceano, é muito bom. Falo com meu irmão pelo telefone, de quando em quando a gente se vê. Tenho dois sobrinhos, o mais velho já está na faculdade.

Adriano planejava sair muito cedo, se a balsa estivesse funcionando. Portanto, ao se despedir de Aline na hospedaria previu que tardaria um pouco em revê-la, o que o levou a se expressar com intensidade:

– Levo você no meu coração. E levo também a esperança de conquistar o seu.

A balsa estava funcionando, e o sol estava nascendo quando Adriano transpôs o rio. Olhou o relógio, esperava chegar a tempo para o almoço. Não ficou descontente com a aparência do pai, que o estava aguardando, pois uma hora antes Adriano enviara uma mensagem por WhatsApp avisando da chegada. Deu-lhe um abraço demorado.

– Você me parece bem, pai, só um pouco mais magro.

– Você é que tá ótimo, filho. Mas vamos logo almoçar. Proponho aquele *self service* aqui perto, assim posso escolher o tipo de comida que o médico me intimou a comer. Topa ir caminhando?

A proposta alegrou Adriano, revelava que o pai estava se cuidando. Indagou um pouco mais, o pai falou que uma psicóloga o estava ajudando. Estava também tomando um antidepressivo fraquinho, mas que surtia efeito. O pai tinha reduzido muito a bebida, só uma dose de cachaça ou uísque à tardinha. O médico achava que se ficasse numa única dose a bebida até lhe faria bem. Quando voltaram do almoço, Adriano olhou os laudos dos exames recentes que o pai havia feito. O infarto realmente não causara grande dano, o importante agora era minimizar o risco de um segundo ataque. Adriano pretendia insistir na proposta de que o pai fosse passar um mês com ele em Alvorada. Um mês ou dois, ele traria o pai de volta. Se o pai não

aceitasse, Adriano ficaria três dias em Garças. Tinha coisas para fazer no notebook. E já no meio da tarde, Adriano perguntou se o pai tinha visto a Laurinha.

– Tenho não, filho, saio pouco de casa. E você tem de se desligar dela, não é sua filha.

– Não importa, pai, continuo amando-a como se minha filha fosse.

E aí as lembranças vieram à mente de Adriano, machucando o peito. Ele amava Fernanda, e era louco pela Laurinha, que ele julgava ser sua filha, até que descobriu a verdade. Pois um exame fortuito, feito com outros propósitos, revelou que Adriano era estéril. Não era deficiência recente, era sequela de uma caxumba que ele tivera na infância. A fidelidade de Fernanda foi então posta à prova. Ela titubeou, argumentou que a esterilidade com certeza não era completa, pois ela era fiel. Jurou fidelidade e amor ao marido. Mas Adriano já havia questionado o próprio médico sobre seu problema, e ele foi mais taxativo. Fernanda confessou e contou quem era o pai. Não tinha sido traição passageira, Fernanda continuava traindo Adriano com Ernesto, que além do mais era um homem casado. Houve então o divórcio, e Adriano não quis mais morar em Garças, onde a verdade ficou conhecida. Pois na ação de divórcio Adriano alegou traição, com isso pretendia obter a guarda de Laura. Ao pleitear a guarda da menina, Adriano afirmou ter por ela um amor de verdadeiro pai, mas como seu advogado já previra, isso não foi bastante. Infidelidade conjugal nada tem a ver com a capacidade de ser boa mãe, e Eunice ficou com a guarda da menina, da qual era mãe biológica.

Adriano alimentava a esperança de que quando adulta, Laura o escolhesse como pai adotivo, pois ela também o amava como se ele fosse seu pai. Tinha mais apego a ele do que à sua mãe. Na manhã seguinte, foi esperar Laurinha na saída do ginásio. Uma escola cara, pois o pai de Laurinha era um homem endinheirado. Como ele havia enviado uma mensagem pelo celular, ela já saiu da escola desvencilhando-se das colegas e examinando o entorno. Foi quando viu o aceno de Adriano. Estava linda e enorme, embora os seus meros onze anos. *Tá virando mocinha*, constatou Adriano, que a abraçou com enorme carinho.

– Cada dia mais linda, minha filha, e agora já virando moça.

Laurinha, que era tímida, desconcertou-se um pouco com a observação do pai. Mas reconsertou-se e respondeu:

– É o que andam falando.

– E vai ser uma moça linda. Apagou a mensagem no celular?

– Sim, mamãe tem ciúme da nossa relação e, como voce sabe, invade meu celular. Ela tenta ter comprovação dos nossos contatos, fala que isso é assédio.

– Pela lei, ela nada pode fazer para impedir isso, mas é melhor que saiba o menos possível sobre nossa relação. Evite amolações com ela, é sua mãe e vocês se amam. Quanto a nós, se eu fosse casado, provavelmente um juiz já me concedesse a sua guarda, após ouvi-la. Mas como sou solteiro, talvez seja preciso aguardar até você completar dezesseis anos. E você nem vai acreditar: conheci uma mulher que me encantou, vou tentar conquistá-la. Vai ser difícil, ela está com o coração trancado, como eu também estive por muito tempo. Espero que ela me dê uma chance de mostrar que mereço crédito.

– Que coisa legal, pai! Você merece o coração de qualquer mulher, ela vai te amar. Tem uma foto dela?

– Deus benza a sua boca, filha. Não tenho foto. E você, como você tá indo na escola?

– Tou gostando de umas matérias, ou talvez seja dos professores.
– Que matérias.
– História, línguas. Tou ficando boa em inglês e espanhol, sempre fui boa em português.
– Ótimo, mas não descuide do mundo digital, sem alguma desenvoltura nesse campo tudo está ficando mais difícil.
– Ah, sou boa nisso, fica tranquilo. Navego na rede que nem andorinha, e sou esperta. Aprendo na prática, nem preciso da escola.
– Que coisa boa. Tem tempo para tomar um sorvete?
– Tenho tempo pra ganhar um, tomo ele na vã, que tá chegando.
Laura falou isso apontando para o carrinho de sorvete, e já caminhando no seu rumo. Escolheu o sorvete, recebeu-o, deu um beijo em Adriano.
– Tchau pai, eu te amo. Vai dar tudo certo.
– Amanhã eu volto.

Laura atravessou a rua, e enleado Adriano acompanhou com os olhos os seus passos. *Coisinha doce! Custo a acreditar que não seja minha filha.*

Adriano ficou três dias com o pai. Não conseguiu levá-lo para Alvorada, nem mesmo insistiu, pois o pai estava gostando do tratamento com a psicóloga e era melhor que ele continuasse. No segundo dia, viu outra vez a filha, no terceiro não foi possível porque era sábado. No domingo, tomou feliz o caminho de volta. O pai estava bem, talvez até superando a perda da mulher, a menos que seu bom humor fosse efeito da psicóloga e do antidepressivo. “Em alguns meses estarei bem e passo uns tempos em Alvorada” reafirmou-lhe o pai na despedida.

No domingo, Adriano tomou café com o pai e pegou a estrada. Mais ao norte, caía uma chuva fina, mas constante e cinzenta. Adriano digerira os fatos, que eram vários. Voltava alegre com a recuperação física e emocional do pai. A lembrança de Laura, transformando-se rapidamente e, como sempre, amorosa, trazia-lhe um contentamento especial, uma vontade de cantar acompanhando a música do rádio. Mas Aline não lhe saía da cabeça. *É amor, o que sinto por ela. Quando a mulher não nos sai da cabeça e nem mais aceitamos viver sem ela, é amor. Repentino, mas, sem dúvida, amor*, pensava e repensava. *Irei conquistá-la, vou romper as travas que fecharam seu coração.* Adriano não vivia solitário depois do divórcio. Tinha um ou outro relacionamento eventual, mas sempre breve e superficial, nenhuma outra mulher lhe despertou maior interesse. Já Aline, esta lhe arrebatara o coração de uma forma como nunca antes acontecera, para ele era imperativo conquistá-la. Empenhar-se-ia na sua conquista. Na segunda-feira, não pôde cuidar disso, precisava resolver uns pequenos problemas, um deles, apresentar os desenhos da casa ao seu cliente. Sorte que este gostou, e muito. Escolheu um dos dois projetos e só pediu uma pequena modificação, na verdade muito pertinente. Tinha bom gosto e senso de espaço aquele médico.

Já na terça-feira, antes do que havia planejado, Adriano procurou Aline. Anotou os telefones das clínicas de fisioterapia da cidade, e na terceira ligação que fez confirmaram que Aline trabalhava lá. Saía do trabalho por volta das cinco e meia. As cinco e quinze Adriano já estava em seu carro, ansioso, estacionado perto da clínica, e não demorou muito que ela saísse. Ele a alcançou antes que ela chegasse ao seu carro.

– Aline! – gritou, e ela mostrou surpresa com a sua visão.

– Aline, preciso falar com você. Por favor, não me descarte antes de ouvir o que tenho a dizer.

– No momento é difícil, Adriano, tenho coisas a fazer.

– É urgente, é inadiável?

– Tarefa da minha rotina.

– Pode adiar por meia hora?

Aline vacilou um pouco, mas os olhos ansiosos de Adriano a venceram.

– Meia hora?

– Meia hora, eu te imploro. Dê-me esse tempo.

– Vou tentar, me deixa fazer uma ligação.

Aline ligou e perguntou à atendente se podia pegar a Vaninha daí a quarenta minutos. Agradeceu e desligou.

– Tá bom Adriano, pode falar. Meia hora.

Adriano pôs-se bem à frente de Aline e pediu que ela o olhasse nos olhos.

– Aline, alguém te machucou, e machucou muito. Por isso você se trancou, tem medo de se envolver em um novo amor. Não vou machucá-la, Aline, eu também fui machucado e sei o quanto isso dói. Você ainda ama o homem que a machucou? .

– Não amo, mas ainda não sarei.

– Não sarou de que?

– Da ferida.

– Entendo, isso pode demorar. Mas ficar sozinha não ajuda a cicatrizar. Faz quanto tempo?

– Faz seis anos daqui a dois meses.

– Muita coincidência. Minha decepção amorosa também ocorreu seis anos atrás. Desde então estou quase sempre sozinho, mas há muito tempo não fechado para o amor. Temos histórias parecidas. Quem conta primeiro a sua?

Aline pensou por um tempo excessivamente longo, talvez tivesse dificuldade em decidir abrir seu segredo. Adriano tentou outro caminho:

– Tudo bem, eu conto a minha história se você quiser ouvir. Quer?

Aline anuiu com um movimento da cabeça.

– Casei-me há quatorze anos, eu tinha vinte e três e amava minha mulher. Tivemos uma filha, que já completou onze anos. Eu amava minha mulher Eunice e tinha loucura por nossa filha. Ela é uma coisa muito doce, era o meu xodó. Quando ela completou cinco anos, descobri que na verdade não era minha filha: Eunice me traía com o filho de uma família destacada de Garças. Meu mundo desabou, um monte de coisas desabou sobre mim, como num soterramento. A dor da traição, pois eu ainda amava Eunice; a humilhação, pois as coisas ficaram públicas; e a perda de Laurinha, que no meu coração ainda era minha filha. Até hoje amo Laurinha, dói-me muito viver sem ela. Quer ver uma foto dela? – Adriano perguntou já pegando o celular. – Olha aqui, tirei essa foto semana passada.

Aline examinou o retratinho e exclamou:

– Que gracinha! Realmente muito linda, a Laurinha.

– Tenho muitas fotos dela, desde novinha, depois posso mostrar, se você quiser ver. Tentei obter a guarda da Laurinha, mas não consegui. Mas ela quer viver comigo, e acho que em breve o juiz pode me conceder sua guarda, após ouvi-la. Sonho com isso o tempo todo. Agora me conte a sua história.

Para Aline não foi fácil, as lágrimas lhe vinham aos olhos e ela se virou para que ninguém as visse. Adriano deslocou-se para continuar à sua frente.

– Eu estava noiva, tinha vinte e quatro anos e o casamento estava próximo. Já estava grávida. No quarto mês de gestação, descobriram que minha filha tinha síndrome de Down. Meu noivo me abandonou, na verdade escoraçou-me, e ainda fez comentários muito doídos e maldosos sobre a síndrome de Down. Uma mongoloide! E eu que cuidasse dela, pois a culpa era minha. Mudou-se da cidade, sequer me disse para onde estava indo. Nunca viu a Vaninha, e sequer tive um endereço para enviar-lhe alguma foto dela. Fui criada pela minha avó, que me dava todo apoio, cuidava da Vaninha para que eu pudesse trabalhar. Três anos atrás, vim morar em Alvorada, e um ano depois minha avó morreu. Minha avó morreu! Estava bem, e uma pneumonia a matou. Isso nada tem a ver com minha decepção amorosa, mas as feridas se ajuntam para aumentar a dor.

Adriana teve de muito se esforçar para completar essa narração, pois já começava a ficar soluçante.

– Acalme-se, Aline. Acalme-se. Muito doída a sua história, você tem razão ao chorar. Mas tente se acalmar. Pode me mostrar uma foto da Vaninha?

Aline acenou sim com a cabeça, enxugou um pouco os olhos e pegou o celular.

– Há muitas fotos dela nessa pasta, olhe o que quiser.

Adriano olhou as fotos, fazendo comentários de aprovação:

– Lindinha a sua filha, e risonha. Tem aquela beleza sem sensualidade das crianças com síndrome de Down. Um verdadeiro anjinho. Ser mãe ou pai de uma criança com síndrome de Down deve ser bom, e dizem que viver com elas é um contínuo ensinamento. Ela te traz muita alegria, imagino.

– Sim, Vaninha dá muito amor e pede muito amor. Chega essa hora eu já tou com saudade dela. Eu estava indo pegá-la em um lugar que cuida de crianças. Eles sabem lidar com crianças especiais. É uma creche da prefeitura.

– Quem sabe eu te sigo e também a conheço?

– Não, se acaso eu chegue a te apresentar a ela quero primeiro prepará-la.

– Acho que você tem razão. Primeiro é preciso que você confie em mim. Você está aberta pra me conhecer?

Pela primeira vez, Aline sustentou o olhar de Adriano, o que o encorajou a ser mais aberto.

– Quinta-feira passada, falei pra Laurinha que no caminho para Garças eu tinha conhecido uma mulher que me encantou imediatamente, e ela achou isso muito bonito. Falei que faria o que estivesse ao meu alcance para conquistar essa mulher. Vou repetir exatamente o que ela me disse: “Vai conquistá-la sim, pai, você merece o coração de qualquer mulher”. Coisa de filha, você entende, uma coisa exagerada. Mas estou aqui com a fé que as palavras de minha filha me deram. Então, você está aberta pra me conhecer?

– Tou sim, aceito conhecê-lo.

Adriano pegou as mãos de Aline e envolveu-as com as suas. Estavam frias e úmidas. Como suas mãos estavam quase à altura do peito ele pôde olhar as horas no relógio de pulso. Viu que só tinha usado doze dos trinta minutos que Aline me concedera.

– De dia você trabalha, à noite tem de cuidar de uma filha que não quer me apresentar. A que horas você vai me conhecer?

– É, ficou complicado. Não sei.

– Até que horas a casa onde Vaninha é cuidada realmente fecha?

– Seis e meia.

– Parece então que você tem uns cinquenta minutos para me conceder, de segunda a sexta.

– Tá certo, é isso mesmo.

– E quando viajou para Alta Vista, alguém cuidou integralmente da Vaninha.

– Foi a Taís, uma moça lá da creche. Ele gosta muito da Vaninha e Vaninha é doida por ela.

– Ótimo, temos quilômetros de tempo, toneladas de tempo. Se você aceitar meu convite, podemos até sair para jantar um dia desses, a Taís cuida da Vaninha.

– Não, por enquanto a gente fica nos cinquenta minutos.

– Tudo bem. Por falar em Bela Vista, qual foi a sua avaliação da mulher que teve AVC?

– Vou tratar dela, acho que a recuperação é possível. Ou melhor, é bem provável. O tratamento começa na próxima segunda-feira.

– Você vai ajudá-la a se recuperar, tenho certeza. E a Vaninha tem um pet?

– Tem um cãozinho Yorkshire terrier. Um cachorrinho muito legal.

– E muito carinhoso, pelo que dizem.

– Sim, é muito carinhoso, e isso é bom para ela.

Adriano vacilou um pouco, e nesse tempo buscou os olhos evasivos de Aline. Juntou coragem para perguntar

– Você já me disse, mas ainda não acreditei. Jura que não mais ama o pai da Vaninha?

– Juro, como eu poderia amar um homem como ele demonstrou ser?

Adriano postou as mãos à altura do peito, como para rezar, suspirou e disse aliviado:

– Céus! Seu coração está desocupado, e isso é muito bom. Pois não se desocupa um coração por ação de despejo... Bem, vamos ao trabalho, o tempo voa... Estranho, não sei o que dizer, nunca vivi uma situação análoga... Sou candidato ao seu amor, e antes disso à sua confiança. Como funciona? É como em uma entrevista de trabalho? Tenho de preencher um questionário, mostrar cartas de recomendação? Esquisito né? Quer saber alguma coisa em especial sobre mim? Ou vai contratar um detetive para levantar meu passado?

Aline nada respondeu, apenas começou a rir, ela também sentia que aquela era uma situação estranha. Ao vê-la rir, Adriano também riu, por pouco não gargalharam juntos. Adriano sentiu que se rompia uma primeira barreira, o que lhe deu mais coragem. Foi por isso que disse:

– Quando te vi na beira daquela enchente, tive a sensação de que você seria meu grande amor. Amor desses que não precisam ser cultivados, que se impõem naturalmente como parte do destino. E ao observá-la melhor, tive a impressão de que você também me observava, talvez supondo que eu não perceberia isso, pois seus olhos eram muito escuros. Estou certo?

Pega de surpresa, Aline teve de pensar para responder.

– Você é um homem atraente, com certeza sabe muito bem que é. Apenas conferi suas feições, como poderia estar conferindo as de uma mulher ou de uma criança. No meu olhar não havia qualquer interesse. Por que me escolheu, Adriano? Há por aí tantas mulheres tão mais bonitas que eu.

– Mas a mulher que eu quero é você, e não há nada que eu queira mais. E sua capacidade de se interessar por um homem não morreu, apenas adormeceu. Não deve nem mesmo ter entrado em coma. Sinto que você tem muito amor para dar, e

quero uma parte dele. Meu interesse por você já se transformou em amor. Eu te amo, Aline. Por favor, acredite em mim, e não tenha medo de mim.

Aline começou a chorar, custou a dizer:

– Não quero ter medo de você, não quero. Mas Leonardo incutiu-me um medo que se impõe acima da minha vontade. Um medo..., um medo de amar novamente, de passar pela mesma amargura.

– Não chore Aline, tente se acalmar. Vamos falar de outro assunto, não quero falar de coisas que te façam chorar. Fale-me de Vaninha, isso vai te acalmar. Ela gosta de ouvir histórias para dormir?

– Tá bom, tá bom, é melhor mesmo. Sim, ela gosta muito.

– De que tipo de histórias ela gosta?

– De histórias de animais. Animaizinhos espertos que se livram de ameaças de animais grandes e maldosos.

– Laurinha também gostava, depois passou a gostar de histórias de fadas. Você inventa as histórias que conta pra ela?

– Meio que sim, modifico histórias bem conhecidas para ficar mais ao gosto dela. E Vaninha pode ouvir a mesma história mil vezes sem se cansar dela.

– E decora todas. Se você alterar qualquer detalhe ela te corrige.

– Na hora, parece que se lembra de cada palavra.

– Igualzinho à Clarinha. E nós também somos assim, pelo menos eu. Vejo o mesmo filme várias vezes, e acho que ficaria frustrado se alguma cena aparecesse modificada. É misteriosa a nossa relação com as ficções.

– E também nossa relação com outras artes. Imagine o que você sentiria se uma das suas músicas queridas fosse modificada.

– É como se as coisas das quais gostamos existissem desde sempre.

As feições de Aline haviam se suavizado, e todo o resto do tempo foi ocupado por conversas amenas. Ao se despedirem, Aline estava tranquila, talvez até alegre. Os encontros diários se repetiram por três semanas, e Adriano os aguardava contando as horas. Com o tempo, pareceu-lhe que também Aline se alegrava ao vê-lo. E ela lhe contava suas histórias de vida, coisas que nada tinham a ver com Leonardo, cujo espectro evanesceia. Também Adriano contou coisas da sua vida. Falou do seu pai, da sua falecida mãe, dos tempos de escola, da sua paixão pela Laurinha. Contou-lhe da sua esterilidade, da sua frustração ao descobrir que não era pai de Laura e nunca poderia ter filhos.

– Olha como isso é triste. Se você um dia me amar, imagino que irá desejar ter um filho meu, um filho nosso. De algum modo, um filho em comum costuma ser a cereja do amor.

Falaram de filmes, de livros, de música. Aline achou muita graça quando Adriano lhe contou de uma gagueira que ele tinha nos pequenos movimentos. Escrevia aos saltos, não de forma cursiva, e teve que parar com os estudos de violão porque seus dedos eram incapazes de se mover com a fluidez necessária.

– Gagueira no dedo? Você só pode estar brincando, isso não existe.

– Existe sim, mas só conheço meu caso. Engraçado né?

– Engraçado sim, kkkkk. Me desculpa o riso.

Naquela tarde Aline estava diferente até mesmo na sua aparência física. Seu cabelo tinha sido penteado com mais cuidado, no rosto havia um pouco de pintura,

suave, mas caprichada. Do corpo exalava um perfume. Adriano não conteve sua exclamação:

- Meu Deus, como você está linda!
- Acha mesmo? Preparei-me melhor, achei que hoje era um dia especial.
- Especial por qual razão?
- Descobri que também te amo e que confio em você.

Adriano envolveu-a com seus braços, por um tempo prolongado, e depois a beijou. Um beijo ardoroso e recíproco. Não falaram mais nada, nada precisava ser dito por enquanto, e em dados momentos há mais ternura no silêncio que nas palavras.